

SEQUÊNCIA 1

A poesia de Ricardo Reis

“Abdica / E sê rei de ti próprio”

Ricardo Reis foi aquele [heterónimo] que melhor traduziu a evidência da tragédia humana.

Existir é nada ter, é nada poder.

Este poeta não acredita na obtenção de verdades e a sua única certeza é que não fugiremos ao nosso fado, ao nosso destino, que culminará, inevitavelmente, na morte. Então, propõe a anulação da vontade, a aceitação passiva de todas as coisas, a recusa da emoção e até do prazer. Para Ricardo Reis, o homem é um ser que está preso na sua própria condição.

A renúncia é a única coisa que nos resta perante uma vontade divina que nos transcende, perante Cronos (o Tempo), que devora os seus próprios filhos. A imitação da Antiguidade não esconde uma preocupação que caracteriza os tempos modernos: a angústia perante a morte, o horror do nada, preocupações igualmente presentes na poesia ortónima e na de Álvaro de Campos.

Para Ricardo Reis, o paganismo funciona como uma realidade aceite – os deuses significam, por um lado, a condenação humana; por outro, a hipótese que lhe resta de o homem atingir a tranquilidade, pois nada poderá fazer para alterar o seu destino. Aliás, os próprios deuses não têm uma liberdade absoluta. Acima deles, existe uma entidade superior, uma Lei, um Fado.

Ricardo Reis renuncia ao Conhecimento, porque não acredita na possibilidade de o alcançar – a resposta à questão “Qual é o sentido da vida?” jamais será conseguida.

É, pois, de reter que, apesar das estruturas estróficas e métricas, da latinização da sintaxe, do léxico erudito e arcaico, à maneira clássica, a poesia de Ricardo Reis deixa sempre perpassar a angústia metafísica do próprio Fernando Pessoa face ao enigma da Existência.